



XIX Prova de Vinhos da ARCPA

Plantas da Nossa Terra

Artemísia Vulgaris



Catarina Lima

A *Artemisia vulgaris* é uma das várias espécies da família *Asteraceae* e do género *Artemisia*, também conhecida como erva-de-são-joão, artemísia-verdadeira, losna, absinto. É nativa das regiões de clima temperado da Europa, Ásia e norte de África. Em Portugal, é mais comum no Norte do país, onde cresce nas bermas dos caminhos e nas vinhas. O nome foi dado em homenagem a Artemis, deusa romana da caça e protetora das mulheres.

Trata-se de uma planta aromática, herbácea e de folha persistente com raízes lenhosas, cuja altura varia entre 1 e 2 metros. As suas folhas verde-escuras possuem entre 5 a 20 cm. Floresce entre julho e setembro/outubro, e apresenta flores pequenas de cor amarela ou vermelha.

A artemísia possui um óleo essencial rico em diversas substâncias: tuiona (composto principal da bebida alcoólica conhecida como absinto), flavonóides, taninos, resinas, artemisinina e outros compostos que lhe conferem um sabor amargo. A artemisinina está a ser testada contra a malária e revela bastante potencial na erradicação desta doença.

Como propriedades medicinais conhecidas destaca-se o efeito analgésico, antiespasmódico, anticonvulsivante, calmante, digestivo, diurético, desparasitante interno e regulador da menstruação.

Devido a estas propriedades medicinais, pode ser utilizada em casos de anemia, cólicas, gastrite, nervosismo, perda de apetite, mau hálito, etc.

Não deve ser consumida crua, pois é tóxica nesta condição. É contraindicada na gravidez, pois pode ser a causa de parto prematuro; em alguns casos o pólen pode desencadear alergias severas, principalmente ao nível da pele.

Bibliografia:

www.plantasmedicinaisfitoterapia.com

www.cantinhodasaromaticas.blogspot.com

<http://www.ff.up.pt/toxicologia/monografias>

www.jb.utad.pt (página do Jardim Botânico da UTAD)

CUNHA, A. Proença da, *Farmacognosia e Fitoquímica*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005



Decar, Moveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas

Parquet flutuante | Soalhos | Forros

Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carraceda de Ansiães

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**Tiago Baltazar;
Patrícia Pinto, Fernanda Cardoso**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Aníbal Gonçalves.

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João
Matos; Carlos Fiúza
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões
Assinatura Anual (Sócios)
Portugal: 8,00 Euros;
Europa: 18,00 Euros;
Resto do Mundo: 25,00 Euros
Assinatura Anual (Não Sócios)
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL**Fernanda
Natália**

Convido-vos a fazer uma viagem no tempo. Regressemos ao passado na História de Portugal e fixemo-nos no período que ficou conhecido por *Crise de 1383-1385*. À época, a Europa vivia um momento marcado pelas guerras e pestes, penúria económica e crises sociais. Portugal, (então) acompanhava a Europa e debatia-se, também, com uma crise política, motivada pela morte de D. Fernando que provocou uma crise de sucessão. Ciosos do Reino de Portugal, os Castelhanos cercaram Lisboa, onde os seus habitantes se aguentaram estoicamente, nunca dando mostras de desânimo e evitando por todos os meios que o inimigo se apercebe-se do seu sofrimento. Disto mesmo nos deixou memória Fernão Lopes nas suas Crónicas ao dizer que se comiam ervas desusadas, ou melhor, venenosas.

Voltemos ao presente. Imaginemos um professor numa aula de História a empolgar-se na sua narrativa sobre os acontecimentos do Cerco de Lisboa. Sempre haverá um ou outro aluno que vai bocejar, outros farão uns rabiscos no caderno, pouco se importando com a crise que já aconteceu há uns séculos atrás.

Chegada a este ponto, remeto-vos agora para uma viagem ao futuro. Pressuponho que não é muito difícil pensar que daqui a pelo menos cem anos a crise que Portugal hoje atravessa vai fazer parte do programa da disciplina História, a menos que haja uma reforma curricular muito drástica e, quiçá, se acabe com a disciplina. Não é preciso grande esforço mental para se prever que, nessa altura, os problemas que hoje nos inquietam serão acolhidos pelos alunos por vários bocejos e rabiscos. Isto é preocupante se pensarmos que aqueles que hoje mais sofrem os efeitos da crise não passarão a fasquia dos “fracos”, dos quais não reza a História. Acredito que os manuais escolares não terão uma linha sobre todos aqueles que hoje têm lutas diárias para encontrar soluções para pagar a renda/mensalidade da casa, para cumprir com as necessidades básicas do agregado familiar, para pagar as propinas dos filhos...

Não tendo a capacidade de adivinhação, prefiro acreditar que na súmula da matéria apareça “uma crise difícil mas que com o esforço de todos se conseguiu ultrapassar antes do previsto”. Se isso acontecer, creio que ainda podemos um dia citar Séneca: *É doce recordar o que foi duro suportar*.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



miravet
PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA, LDA.

Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



Ansiães FM 98.1

A Rádio do seu dia a dia !

RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: www.ransiaes.sbc.pt

E-mail: ansiaestfm@mail.telepac.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



noratlântico
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL
5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

PORQUE ESCREVO



João Matos

Uma pessoa, muitas vezes depois de fazer as coisas, põe-se a pensar nas razões porque as fez.

Existem em todos nós impulsos, instintos, apetências, reflexos, que nos conduzem a praticar determinados actos. As razões por trás dos automatismos são difíceis de decifrar. Mas a racionalização da actividade humana é uma tentação própria de quem se diz e julga um ser racional, pensante, consciente, responsável, livremente actuante.

Vejamos as razões possíveis da minha escrita:

1) – Necessidade de comunicar com os outros: no mundo não estamos sós e temos quantas vezes necessidade de concertar esforços. Impõe-se-nos que troquemos ideias. Isto tem que ser feito com clareza, delicadeza, em termos apropriados.

2) - Pôr aos outros as dúvidas e perplexidades que nos atormentam: Há uma imensidade de assuntos que nós não dominamos. Ao colocar esses assuntos à consideração dos outros, esperamos sempre receber, como resposta, uma elucidação, uma luz, que nos aclare o que em nós está confuso.

3) – Em particular, no que diz respeito ao “pensar ansiães”, debater com os meus concidadãos todos os temas que interessem ao nosso concelho: Tentar encontrar soluções para os problemas que se põem, numa perspectiva de obter as respostas adequadas ao momento actual e tal como as coisas hoje se configuram. Não interessa pretendermos voltar a um passado idealizado como o paraíso perdido e que há que reencontrar; interessa, isso sim, olhar o presente, já não com a visão de quem quer ficar apenas junto dos seus, resguardado das velhacarias do mundo exterior, mas inserido, primeiro, na região transmontana, depois, no todo nacional, na Europa e até no mundo, porque todo o mundo não passa de uma aldeia global, em que tudo tem a ver com tudo. Não interessa, pois, uma mentalidade predominantemente conservadora, mas sim uma conservação possível e uma conservação hodiernizada.

É o que eu tenho a dizer, neste momento, para defender a minha escrita.

João Lopes de Matos

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial
Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães
CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 11/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e quinze, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

José António Moutinho, NIF 144 908 018, e mulher Helena de Jesus Coelho, NIF 192 505 688, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ele da freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem em Arnal, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de terra de cereal e touças de castanho bravo, com a área de dois mil e quinhentos metros quadrados, sito no vale do Cordeiro, freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte, nascente, sul e poente com João Pereira de Carvalho, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 55, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 118,92, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, já no estado de casados, em dia e mês que não podem precisar no ano de

mil novecentos e setenta e um, por partilha meramente verbal da herança de Luíza da Cruz, que foi viúva e residente na dita freguesia de Linhares.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extrai a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

11.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

VENDE-SE

Terrenos denominados “Carril” e “Espinho-sa”, pertencentes ao sr. Vitorino Ventura. Vende-se pela melhor oferta ou recebem-se ofertas.



NIF 500 798 001

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL DE POMBAL DE ANSIÃES
Pessoa Colectiva de Utilidade Pública
Sócio da Federação Nacional das Associações Juvenis
Sócio da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio
Sócio do INATEL – C&D 227
Proprietária do Jornal O POMBAL

AVISO PAGAMENTO DE QUOTIZAÇÕES / JORNAL

Avisam-se os associados que já estão em pagamento as quotizações e o envio do Jornal, referentes ao ano de 2013 e anteriores, pelo que aqueles que pretendam regularizar a sua situação, já o podem fazer. Para o efeito, poderão dirigir-se à sede da ARCPA, junto do Tesoureiro, ou ainda através de Vale de Correio ou Transferência Bancária.

Dado ser uma receita importante e necessária para a ARCPA, desde já, agradecemos o seu pagamento.

Liliana Marta Baltazar Lima Carvalho
Presidente da Direcção

Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

OUTRA VEZ “POBRETES” E “ALEGRETES”?



Quando comecei a tomar contacto com a burocracia produzida pelos organismos públicos, reparei que havia expressões muito comuns, como “Para os devidos efeitos”, “Nada mais havendo a tratar”, e outras, que os chefes dos serviços haviam adoptado e que, por uma questão de segurança ou comodidade, mas também por falta de imaginação ou de interesse em mudar, iam mantendo e recomendavam/impunham aos que lhes estavam subordinados.

Como não gosto muito de repetir, pelo menos até à exaustão, o que já há muito foi inventado, mesmo parecendo cómodo, no primeiro serviço em que trabalhei, na função pública, tentei ser inovador. Mas, cedo perdi essa batalha. Invariavelmente, o meu chefe me dizia, quando lhe levava

algo para assinar: “Está bem, mas, olhe, vá ao dossier e faça igual ao que está lá...”

Percebi que, naquela actividade, não podia ser criativo. Ou me resignava a reproduzir, talvez mais de quatro décadas, o que se encontrava já no que hoje designamos “Chapa 4”, para não continuar a ouvir o mesmo e a impô-lo também mais tarde aos outros, ou tinha que pensar numa profissão onde houvesse lugar para a inovação e a criatividade. Foi esta segunda opção que também contribuiu para me preparar para a docência, onde se trabalha com gente diferente e existe sempre uma grande margem para fazer bem, fazendo diferente. Nem me imagino a trabalhar uma vida inteira a reproduzir “Chapas 4”, onde muitas vezes apenas muda o nome do indivíduo.

Mas há quem se tenha sentido realizado e feliz a fazê-lo...

O que acima referi vem apenas ao caso pelo seguinte: Reparei também que a Junta de Freguesia de Pombal, não sei se com uma minuta própria e antiga, ou se de uso mais generalizado – e nem sei se, presentemente, ainda é assim, o que seria mais chocante –, quando passava um atestado a um cidadão para que este se habilitasse a algum subsídio ou benefício, utilizava a expressão “Fulano ... é pobre”. Reconheço que era forte e, se calhar, convincente, para quem apreciava o assunto. Mas era desagradável e degradante para quem tinha que o admitir. Aliás, na nossa terra, como talvez acontecesse noutras, isso reproduzia uma expressão oral, que tendia a classificar os indivíduos ou

famílias, atribuindo à maioria essa condição: “Pobre!...”

Sempre me chocou essa forma tão radical e dura de classificar alguém que precisa, que necessita de algo, normalmente de ordem material. E, por vezes, essa pessoa é tão rica e tem tanto a dar!...

Aliás, no tempo do governo autoritário que antecedeu o “25 de Abril de 1974”, o próprio ditador Salazar gostava de passar a imagem dos Portugueses como um povo de gente pobre mas alegre. De facto, era mais comum dizer-se: “Pobretes, mas alegretes”! Não era essa a imagem que os estrangeiros tinham de nós.

Éramos sim pobretes e também pouco alegretes. Vestíamos mal, cores escuras, e ríamos pouco e de forma contida. Até perante a morte re-traíamos as nossas manifestações de dor. E, como ninguém deseja o que não conhece, os nossos curtos horizontes preenchiam-se com pouco. Não quero dizer que não éramos felizes, mas haverá que reconhecer que o éramos em baixa escala, quase como inocentes e, em muitas situações, com pura ingenuidade.

Acho que os Portugueses se fartaram de ser pobres e que, depois de terem aderido à União Europeia e ao Euro, com promessas de equiparação aos seus parceiros nestas instituições, mesmo a médio prazo, não aceitam um retrocesso civilizacional que julgavam ultrapassado. Muito me-

nos o farão alegremente!

Os actuais governantes, europeus e nacionais, pela maneira como se têm comportado com os povos que lideram, não os informando, não os mobilizando e não os respeitando, podem vir a deparar-se com uma revolução cívica generalizada que os obrigue a mudar o paradigma que nos está a conduzir a um empobrecimento, a uma perda de dignidade e, eventualmente, a uma conflitualidade perigosa. Será que não conseguimos viver sem guerra? Que grande decepção os nossos descendentes vão ter de nós, que dispomos de condições e de meios como nunca, e não nos sabemos organizar!

Ao longo da História, as grandes revoluções e as mais profundas não se caracterizaram principalmente pelo uso da força e da violência, mas pelas mudanças que operaram. Nunca tivemos gente tão preparada para planear, criar, produzir, organizar, trabalhar, obter grande produtividade, etc. etc. Também nunca houve tanta sensibilidade para as questões sociais e para o valor da vida humana.

Como é então possível que os interesses de uns tantos se sobreponham a tudo isto e, em alguns aspectos, nos reaproximemos da barbárie? Para mim, impõe-se que

sejam os mais sábios e os mais solidários a governar. Mas, para tal, precisam do reconhecimento dos seus concidadãos. E estamos muito longe disso!

Entretanto, é chocante ver os governantes (e não só os nossos) a regozijarem-se com os cortes feitos, com o que conseguem cortar, com a hipótese de cortar aos que ainda não tiveram todos os cortes, etc. etc.; com o que já fechou ou querem fechar, com o que deixou de funcionar, com tudo o que alguém vai perder, etc. etc. Por outro lado, é vê-los também a indignarem-se com quem os obriga a cumprir a lei, com quem impõe algumas regras aos seus desmandos, etc., etc. Mas isto é só se for cá dentro. Aos de fora, é preciso ter respeitinho!... Fomos quase sempre assim. Parece uma doença nacional!

Não se pode exigir aos que nos governam que gostem de nós. Mas que nos respeitem!... Fomos nós que delegámos neles, temporária e condicionalmente, o poder.

Por isso, nem “pobretes”, nem “alegretes”. Muito menos: “Pobretes” e “alegretes”. Como diria o outro, assim mais ou menos: Que sejam “Eles e a tia deles!...”

ABRIL/2013



CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315

SERRALHARIA A NOVA
De: Albino Augusto Carvalho
— FERRO E ALUMÍNIO —

ZONA Industrial, Lote 6 * Telef/Fax 278 615 268
Telex: 917 601 847 * 5140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

O NOVO
TALHO NOVO



talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

Assembleia Municipal de Carrazeda de Ansiães regressa ao Salão Nobre

Depois de vários anos em que o Salão Nobre da Câmara Municipal se manteve inoperacional devido ao seu elevado estado de degradação, foi alvo de obras de restauro que lhe permitiram voltar a ter a “nobreza” de um salão que se pretende que seja uma autêntica sala de visitas do município.

A Assembleia Municipal que reuniu no dia 30 de abril, foi realizada num espaço completamente renovado. Seg-

undo António João Almeida Lima, Presidente da Assembleia Municipal, *foi uma honra termos passado a fazer as reuniões num espaço cuja dignidade confere à Assembleia Municipal o estatuto que merece.* Disse, ainda, *que é importante reconhecer o empenho do atual executivo municipal para fazer obras que servem não apenas para valorizar o edifício da Câmara Municipal mas, inclusive, para tornar mais agradável*

o local de trabalho de muitos funcionários.

Na sua opinião, foi visível que todos os membros da Assembleia Municipal ficaram satisfeitos pela nova imagem do Salão Nobre, o que foi comprovado pelas intervenções de membros de todos os quadrantes políticos.

O Presidente da Assembleia quis também exprimir, fora de qualquer contexto político, que se deve dar valor a quem é

capaz de realizar obra. E, nesse aspeto, *é impossível não reconhecer que o atual executivo autárquico tem centrado as suas preocupações no decréscimo da dívida, o que já conseguiu fazer, baixando para metade da dívida herdada e, com muita assertividade, tem feito alguns investimentos que têm servido para fazer melhorias em vários setores do concelho.*



XIX PROVA DOS VINHOS – POMBAL

Depois de no ano passado a Prova de Vinhos organizada pela ARCPA, ter atingido a maioridade, voltou a realizar-se este ano a sua XIX edição, no dia 14 de abril. E, novamente, deu provas da sua vitalidade e que tem todos os condimentos para ser uma atividade marcada pela longevidade.

Os objetivos que lhe subjazem mantiveram-se e, por isso, mais uma vez se transformou numa excelente oportunidade para os produtores darem a conhecer os seus vinhos. Cerca de 40 produtores da freguesia do Pombal responderam muito positivamente ao apelo para participarem neste evento. Por outro lado, este é também um meio de os incentivar para se aprimorarem de modo a otimizarem a sua produção.

Muitas pessoas acorreram ao Pombal. Uns repetentes, outros atraídos pela fama que esta Prova de Vinhos já ganhou. E assim, se conseguiu criar um ambiente festivo, marcado pelo forte convívio social, entrecortado pelo percorrer das várias bancadas, em provas sucessivas ou com paragens mais prolongadas para uma degustação à maneira dos profissionais. No final, todos os produtores tiveram direito a um merecido certificado de participação.



I Encontro do Programa de Atividade Física para a Comunidade Sénior

No passado dia 25 de Abril de 2013, o Centro Social e Paroquial de Pombal em parceria com as Juntas de Freguesia de Pombal, Pinhal do Norte, Amedo e Fontelonga promoveu o I Encontro do Programa de Atividade Física para a Comunidade Sénior a decorrer nestas freguesias desde o início do ano. Esta iniciativa decorreu na localidade de Fontelonga.

Do Encontro constava uma caminhada que partiu às 10:30h da Escola Primária de Fontelonga em direção à Barragem da mesma localidade. O percurso fez-se por caminhos rurais o que permitiu desfrutar da paisagem. A caminhada teve como objetivo promover a atividade física, cognitiva e sensorial, evitando o isolamento e a solidão de que esta faixa etária é alvo.

No fim da caminhada tivemos o almoço de convívio onde todos colaboraram com um pequeno farnel. A tarde seguiu com vários jogos tradicionais e danças.

Como todos os colaboradores e participantes estiveram à altura, tiveram direito a um certificado de participação, como também todas as Juntas e Associações receberam um troféu de reconhecimento.

Desde já agradecemos a todas as Associações e Juntas de Freguesias que participaram e nos apoiaram, queremos também agradecer aos Bombeiros Voluntários de Carrazeda de Ansiães que prestaram apoio ao longo da caminhada e ainda à Câmara Municipal por ter disponibilizado os autocarros para o transporte dos participantes.

Estes Encontros são para se manter tendo já datas marcadas para o futuro.

Fazer bem e sempre bem. Obrigada e um bem hajam a todos.



Os nossos patrocinadores



Patricia Pinto

Ourivesaria Cardoso



Quem passa na avenida principal de Carrazeda de Ansiães, nem que seja uma vez por ano, já se habituou a olhar para a mostra sempre bem elaborada da Ourivesaria Cardoso.

A crise abunda na carteira de várias famílias, portuguesas e não só, mas na hora de comprar uma lembrança mais arrojada para alguém de quem gostamos muito, a Ourivesaria Cardoso é um local de presença obrigatória.

O relógio avaria e dizemos: “Vamos ao Senhor Cardoso que ele arranja!”. É verdade que já raramente lá encontramos o Senhor Cardoso mas o seu substituto –



Senhor Alberto- corresponde na perfeição aos modos simpáticos e profissionais com que o Senhor Cardoso nos habituou.

O negócio do ouro e da prata está a ser baleado pela crise que afecta toda a Europa mas são os donos/ representantes dos espaços comerciais como a Ourivesaria Cardoso que ainda nos fazem dar valor ao que é bom.

As novas gerações têm vindo a transformar-se em aglomerados populacionais cada vez mais exigentes e cada vez menos sociais.

Para esta situação é necessário que existam mais espaços comerciais como a Ourivesaria Cardoso onde a qualidade dos produtos, o preço, a simpatia, a humildade e o profissionalismo se distinguem em altas patentes.

Entrevistamos o atual dono do negócio e descobrimos um pouco da história deste negócio, queira ler connosco:

Em que ano surgiu este negócio e quem foi o seu fundador?

A Ourivesaria “Cardoso” surgiu no ano

de 1987, tendo sido fundada pelo senhor Mário Augusto Cardoso, residente em Pombal de Ansiães.

Quais foram os principais motivos que levaram o fundador a abrir este negócio em Carrazeda de Ansiães e como o nome desta casa se tornou tão conhecido e referenciado?

O senhor Mário Cardoso após o seu regresso de Angola em 1975, onde viveu durante 23 anos, dedicou-se inicialmente à venda ambulante de objetos decorativos em cobre

e mais tarde artigos de prata e ouro mas sempre no intuito de um dia poder estabelecer-se em Carrazeda de Ansiães, o que aconteceu quando surgiu uma oportunidade de trespassar com o anterior inquilino.

De referir que esta casa desde tempos longínquos dedicou-se sempre à venda de artigos de ourivesaria e simultaneamente à venda de artigos de papelaria, sendo que esta última atividade foi desaparecendo ao longo da década de 90.

A “Ourivesaria Cardoso” sempre se pautou de boa imagem, respeito e fidelidade com os seus clientes, tentando sempre pôr-se ao dispor destes e, encontrando-se geograficamente bem localizada, sempre referenciada pela população em geral para ponto de encontro entre familiares e amigos que acorriam às compras a Carrazeda de Ansiães, vindos das aldeias concelhias.

E relativamente a si, o que o levou a herdar este negócio já com tantos anos de



vida?

Comecei a vender ouro de porta a porta em 1998 e percorria o Nordeste Transmontano a vender nas instituições públicas e em casas particulares. Surgiu a oportunidade de me fixar em Carrazeda de Ansiães quando o meu sogro, o senhor Mário Cardoso, se quis reformar, tendo aproveitado a oportunidade de continuar este negócio.

Os clientes que na atualidade frequentam este comércio são o rasto de gerações que tinham o hábito de adquirir aqui os produtos ou alberga também novos clientes?

Os clientes atuais são em parte o rasto de gerações que tinham por hábito comprar aqui os artigos de ourivesaria e outra parte são clientes novos, pois tentamos satisfazer os gostos e as necessidades das pessoas em geral.

Já tinha convivido de perto com este ramo empresarial em tempos passados? Foi fácil de assumir a responsabilidade de estar à frente deste espaço?

Trabalho neste ramo empresarial há 15 anos, tendo iniciado em 1998 a vender de porta em porta. Há diferenças porque apenas vendia artigos em ouro e os fornecedores não variavam muito e numa casa aberta ao público as coisas passam-se de maneira diferente. Digo isto porque há uma maior variedade de artigos para venda e o controlo de compras e fornecedores requer mais atenção. Foi para mim um desafio assumir esta responsabilidade, tendo sido relativamente fácil assumi-la, uma vez que gosto do ramo.

Em relação ao passado desta casa e a história que ela comporta, o que mais faz questão de preservar?

Faço questão de preservar o bom nome da casa, a satisfação dos clientes contribuindo com uma boa relação de qualidade/preço em todos os bens serviços prestados e sempre preservando a honestidade.

- Na sua opinião, a garantia de satisfação, o atendimento personalizado, a inovação dos produtos e a dinâmica do espaço implementam nas pessoas curiosidade em entrar e consumir os artigos expostos?

Sim, sem dúvida alguma, embora a consumo tenha diminuído bastante nestes últimos anos.

Como é que o senhor avalia as transformações pelas quais o segmento da joalheria tem passado nos últimos anos?

Tem havido um menor poder de compra por parte dos clientes face à crise económica e financeira que Portugal e a Europa atravessam e, sendo os artigos de joalheria um bem não essencial, este segmento de mercado encontra-se a atravessar um período carente, pois o ouro atingiu valores elevados. Aliado a isso temos outros produtos substitutos no mercado que competem fortemente com este ramo e que satisfazem os gostos e as necessidades das pessoas, derivados da moda no momento. No entanto as pessoas continuam a adquirir peças de joalheria.

Podemos afirmar que na actualidade, a compra e a venda de ouro/prata, etc está no apogeu e a sociedade empobrecida vê-se obrigada a vender os seus artigos para conseguir algum dinheiro que de alguma forma lhes dê algum fôlego no orçamento familiar.

Como é que lida com esta situação sendo

dono de uma ourivesaria aberta ao público e ao mesmo tempo um cidadão comum?

Infelizmente é isso que se está a passar, principalmente nas grandes cidades. Nesta região as pessoas vão conseguindo viver com o que produzem na agricultura, não tendo tanta necessidade de proceder à troca do ouro por dinheiro.

Quais são as perspectivas e planos para 2013 da Ourivesaria Cardoso em tempos de crise?

Queremos viver um dia de cada vez e não pensar muito na crise que tanto se fala, sem deixar, é claro, de tomar providências para reduzir nas despesas.

A Ourivesaria Cardoso é um dos patrocinadores do Jornal O Pombal, e falando em riqueza, que valor atribui a este jornal?

É com muito agrado e prazer que patrocino o Jornal "O Pombal" sendo ele um meio de comunicação que permite a divulgação dos acontecimentos que se vão sucedendo ao longo do ano, de artigos escritos por leitores com os mais variados temas, bem como a publicação de anúncios para aqueles que necessitam. É de louvar todos aqueles que deram e dão o seu contributo para que o jornal continue a sair e passe além-fronteiras pois existem muitos assinantes e leitores que vivem fora do concelho e do país que gostam de ver a sua terra e as suas gentes em actividade, saciando-se na leitura do mesmo, acompanhando o desenvolvimento da região e matando as saudades.

É por tudo isto que o Jornal O Pombal tem conseguido manter-se. Uma vez mais obrigado a este nosso patrocinador com os mais sinceros votos que o negócio lhe corra de feição.

Semana da Leitura Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães



Com o objetivo de promover o livro e a leitura, decorreu no Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães, entre os dias 8 e 12 de abril a Semana da Leitura, durante a qual se realizaram múltiplas atividades.

Tendo sido uma semana plenamente preenchida por atividades, realce-se o facto de ter envolvido toda a comunidade educativa. Dessas atividades destacamos: o encontro com o escritor e ensaísta, Gabriel Mithá Ribeiro, que partilhou as suas ideias sobre a temática “Como ensinar História no século XXI”, a participação de alunos no Concurso Nacional

de Leitura, cuja eliminatória distrital foi disputada na Biblioteca Municipal de Mirandela; apresentação de um ciclo de cinema subordinado ao “mar”, no qual houve oportunidade de visionar, por exemplo, “Nemo” e “A Lenda de Atlantis”; o torneio “Eu sei...”, onde participaram os alunos das turmas do 5.º ano e que acabou por se manifestar como bastante motivador para os alunos aprenderem a manusear os livros e descobrirem o quanto eles “escondem”, tornando-se fascinantes. Destaque, ainda, para a organização de uma “bolsa” de voluntários da leitura que

envolveu alunos, professores e pais, cujas leituras tiveram como destinatários não apenas os alunos do Agrupamento mas também os utentes do Lar da Santa Casa da Misericórdia. Apesar de ser uma expressão já comum, temos de reconhecer que Semana da Leitura sem uma Feira do Livro podia até acontecer mas, na verdade, não era a mesma coisa. E, a evidenciar que nesta semana nada foi deixado ao acaso, lá decorreu a Feira do Livro, a qual foi muito concorrida. Porém, o momento mais alto deste evento foi a “Noite

Cultural”, no dia 11, que conseguiu reunir um leque bastante interessante de participantes: o Grupo de Teatro da ARCPA; o Agrupamento 658, de Escuteiros; a Academia Municipal de Música, alunos e professores. Uma noite que trouxe ao palco pequenos e grandes artistas, unidos pelo gosto pela arte. Teatro, música, canto e declamação, são formas de arte sublimes e que contribuíram para não deixar passar em vão uma excelente oportunidade para fazer ecoar os apelos à leitura porque é bom não esquecer que o livro é o lar da sabedoria.

Rota do Douro/Senhora da Ribeira

Dia 28 de abril voltaram-se a reunir quase duas centenas de pessoas unidas pelo mesmo sentimento: o gosto pelas caminhadas.

Depois da concentração ter sido feita em frente ao edifício da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, foi feito o transporte para a Beira Grande onde foi servido um lauto pequeno almoço que serviu não apenas para aconchegar os estômagos mas, também, para criar um ambiente de grande convívio.

Seguiu-se um momento em que foram dadas algumas indicações sobre o percurso, de modo a que os caminheiros estivessem atentos a certos pormenores ao nível do património construído e natural.

A temperatura estava agradável e propícia para aguentar a caminhada sem que houvesse percalços.

Ao longo do percurso houve muitos momentos que provocaram o deslumbramento dos participantes, fazendo-lhes despertar, essencialmente, o sentido da visão. Porém, ao chegar à Senhora da Ribeira, foram presenteados com o aroma inconfundível da flor da laranjeira.

Se é verdade que não foi possível apreciar a beleza das vinhas cuja folhagem cria uma paisagem muito sui generis e própria da região, essa falta acabou por ser compensada pela pujança dos campos verdejantes, salpicados por flores campestres que maravilharam os caminheiros.

O estímulo dos sentidos da visão, do olfato e até da audição foi complementado com o do gosto aquando do momento em que foi servido o almoço.

A opinião de um dos caminheiros é que mais uma vez se tratou de uma boa inicia-

tiva. Porém, quis dar destaque a um “senão”: considera que é importante criar-se uma autêntica cultura das caminhadas, onde o espírito ecológico esteja também presente. Julga que seria de evitar que em todas as caminhadas se oferecessem mochilas pois estas acabam por ser acumuladas e, talvez, acabem por se tornar “lixo”. Destacou, também, que muitos caminheiros ainda continuam a lançar para o chão as garrafas de água depois de vazias. Acredita que com o continuar destas iniciativas se vão conseguir modificar os hábitos incorretos.

Entretanto, aqueles que têm abraçado esta boa prática das caminhadas, que revitalizam o corpo e a mente, deixaram já ficar a promessa de estarem presentes na próxima caminhada.



Passeio Pedestre



Decorreu no passado dia 14 de Abril mais um passeio pedestre promovido pela Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães. O ponto de encontro foi às 9h da manhã no largo da festa, num clima fresco e amigável. Ainda antes de se iniciar a caminhada houve espaço para um reforço de energias ao mesmo tempo que eram dadas indicações sobre o percurso e informações sobre o que se poderia apreciar ao longo deste.

Mal se deu início, o pelotão dos profissionais da caminhada tomou conta da frente do grupo, ficando de seguida o grupo dos curiosos, uns mais que outros. O grupo dos muito mais curiosos logo parou ao cabo de vinte metros, não por cansaço, mas para apreciar a Igreja da aldeia que, antes de mais nada, se encontra tão bem conservada! Vistas e revistas as pinturas e particularidades, como um púlpito sem escadaria... chamaram-me a atenção três quadros que aludiam a um milagre que terá acontecido a duas pessoas da localidade. Certo dia, a versus com uma tempestade terrível e um rio cheio como se tivesse chovido tanto quanto neste Março, pai e filho viram-se aflitos na sua barca em pleno rio Tua, na Brunheda. Eis que decidiram rezar, mas rezar com tanta convicção que um milagre e uma aparição os colocou na margem do leito e em

segurança. Foi um dia em que dois do Pinhalenses quase foram atraídos pelas águas fortes de um rio! Qualquer semelhança com Holliwood não é mera coincidência mas sim pura inveja dos Gringos Americanos!

Na continuação do programa, por caminhos antigos que nos levaram a avistar a estação do Tralhão, ainda que bem cá de cima, passámos pela Capela do Diabo. Esta capela é uma fraga granítica em forma de arco tal como um arco de um altar-mor. Talvez por ser tão inacessível e agreste, alguém se terá lembrado de dizer que pertencia ao belzebu. Geologicamente isto explica-se porque a erosão da matéria à superfície é mais lenta do que a rocha que se encontra por baixo. Também foi possível ver uma outra fraga chamada Sinos de Braga, também de origem granítica na qual um buraco permite que se meta a cabeça lá dentro. Depois, quando se dava uma cabeça alguém perguntava “Ouves os sinos de Braga?”

E por aí foi o passeio, ao lado do Tua até à Brunheda onde foi servido o almoço nas instalações do Sport Lisboa e Brunheda que em tempos foi mais uma bela escola primária com crianças a aprender e a brincar.

Tiago Baltazar



VIDA DE CÃO...

Ainda há muita gente que tem inveja da minha vida. Não me posso queixar, mas não deixa de ser uma vida de cão. Não faço comentários ao que dizem as pessoas, pois neste mundo animal, já encontrei de tudo e não vou alinhar nesses caminhos, cheios de curvas e perigos. A minha conduta fala por mim, e é ao meu dono que devo obediência. Sim, eu conheço-o. Também é ele quem me dá a ração diária, quem todas as manhãs, ainda o Sol está a nascer e me leva à sanita mais próxima. Lá vou contente e livre esticar as pernas, levantar o pernil e demarcar o campo, sim o meu território.

Estou feliz, e o meu dono enche o prato da ração e com festas diz-me para comer.

Já saíram para o trabalho, o Sol vai alto e eu a correr de um para outro lado da porta principal, para o Jardim, beber água nos locais habituais e colocar a cabeça á janela a ver o movimento dos que passam.

Cães vadios sem dono, desconfiados que não querem conversa. Cadelas que os donos passeiam a horas mortas e o pequeno Samuel e a Dina que belo casal, como gostam de passar aqui. Faça chuva ou sol, seguem pela rua atentos aos esticões da trela, nem dá para falar um pouco, têm sempre pressa.

Ai o que se passa na minha rua, eu nem vos conto. Às quatro da madrugada, chegam em grupo, desafiando a minha paz e sossego, porque não posso entrar na festa fico furioso, ladro alto e às vezes até acordo os da casa. Quem sou eu? Querem saber?!...

Sou o Dik, nasci na capital europeia da cultura em 2010, e aos dois meses vim de Guimarães para Carrazeda de Ansiães e aqui estou a viver na Avenida N^a S^a de Fátima, no n^o 72. Uma bela vida que levo, não me estou a queixar. Como, bebo e o trabalho não é muito. Mas não pensem que são só facilidades, tenho o dever de me comportar bem, não assustar as pessoas, e não ladrar em vão a todas as cadelas rafeiras que por aqui passem. Aqui para nós, eu já tenho idade de namorar. O leitor ou a leitora, conhece alguém da minha raça? Sim, porque um pastor alemão não alinha com uma qualquer. Bom, não me queixo da vida de cão. Às vezes gostaria de passear um pouco mais. Conhecer outros amigos e até queria dar conselhos aos animais que entraram na porca da política e quem se lixa é o mexilhão. Tenho cá umas ideias, que gostaria de dar a quem manda. Mas saber calar também é uma grande virtude e neste caso canina. Lá diz o velho ditado: - Os cães ladram, mas a caravana passa. Vou-me embora, vou partir, mas deixo a mensagem que sejam felizes e tentem não levar nesta vida, uma vida de cão.

Manuel Barreiras Pinto 23/04/2013

Depressão: não só mói, mas mata!



Rosa Fonseca

Caros leitores,
Hoje vamos abordar um assunto delicado mas de importância vital no que toca à saúde. Para iniciar o tema, vou contar-vos alguns aspectos curiosos relacionados com o tema. Sabiam que existe uma ciência chamada Cronobiologia que explica que tudo na vida está organizado por ciclos. Por repetições de um mesmo fenómeno. Porque vos estou a contar isto, questionam-se alguns? E que relação terá este assunto com o tema? A verdade é que é perfeitamente fisiológico (termo científico que significa normal), sentirmo-nos mais depressivos numas alturas do que noutras. Esta ciência explica que o nosso humor e alegria são sazonais. Ou seja variam com os meses no ano. O maior número de depressões coincide com o cair da folha, e é nessa altura também que existe um maior número de suicídios. Aquela tristeza típica do Inverno é denominada de Transtorno Afectivo Sazonal (TAS) e está bem estudado pela ciência

nos dias que correm. Mas bom, não queremos falar de factos tristes e enfadonhos... Queremos explicar coisas da ciência e tentar deixar dicas para melhor percebermos o que se passa connosco e à nossa volta. Assim, deixem-me apresentar-vos a grande responsável por tudo isto: Serotonina. A serotonina é um neurotransmissor (que é como se fosse um mensageiro que manda produzir determinadas hormonas) que é produzido quando estamos expostos a ausência de luz, ou seja, à penumbra. É ela, que por exemplo manda produzir a melatonina (hormona que induz o sono). Daí que um dos sinais da depressão possa ser o cansaço e sonolência. O TAS é mais frequente em mulheres do que em homens (estatísticas apontam para rácio de 1 homem para 4 mulheres) e distingue-se da depressão pois esta última não precisa de uma época do ano específica para se manifestar e não desaparece com as mudanças de estação. Dicas para evitar estes estados:

- Apanhe sol sempre que possível [mas proteja a pele com cremes com Factor de protecção solar (FPS)];
 - Beba água;
 - Coma fruta e legumes: vitamine-se!
 - Rodeie-se de gente com atitude positiva;
 - Leia um bom livro ou veja uma boa comédia,
 - Faça coisas que goste,
 - Tente ver o lado positivo das coisas,
- Mas nunca se esqueça, a depressão acontece e tem cura! Se se sentir durante várias semanas neste estado, e não conseguir sozinho obter melhoras, procure ajuda!

Com a elevada estima do costume,
Com o carinho de sempre e com a certeza de que juntos seremos mais fortes e mais saudáveis,
Pela equipa de rastreios da ARCPA
Rosa Maria Félix Fonseca

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



CARTORIO NOTARIAL
ALAMEDA NOSSA SENHORA DE FATIMA NUMERO 8
MACEDO DE CAVALEIROS
Notária Lic. Ana Maria Gomes dos Santos Reis

Certifico para efeitos de publicação que por escritura lavrada neste Cartório Notarial no dia um de Abril de dois mil e treze, no livro de notas duzentos e quarenta e oito traço A com início a folhas setenta e seis ANTONIO JOSÉ SILVA, (N.I.E. 174 563 361) e mulher VICENTINA DE JESUS AZEVEDO SILVA, (N.I.E. 195 191 811), casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Lavandeira, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua da Serzedo, s/n, ela, da freguesia de Linhares, do mesmo concelho, declararam que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do seguinte:

Um terço indiviso de um prédio rústico composto de terra com oliveiras e sobreiros, com a área de dezasseis mil metros quadrados, sito no lugar de “Vale” ou “Canada do Olmo”, freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, inscrito na matriz sob o artigo 1.503, com o valor patrimonial total de 184,95 €, correspondente a fração 61,65 €, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número cento e trinta e oito, freguesia de Marzagão.

Que apesar do citado prédio estar inscrito na referida Conservatória, em comum e partes iguais, a favor de José António Rodrigues, casado, residente em Campelos, Carrazeda de Ansiães, Júlia Rosa Rodrigues, casada, residente em Campelos, Carrazeda de Ansiães, e Manuel de Jesus Rodrigues, casado, residente em Lavandeira, Carrazeda de Ansiães, o mesmo é pertence dos justificantes, na indicada proporção, porquanto.

Em dia e mês que não pode precisar, mas que foi há mais de vinte anos, os justificantes adquiriram o referido prédio, na indicada proporção, por partilha verbal por óbito de José Maria Azevedo e Júlia Rosa Rodrigues, atrás indicada, partilha essa que ocorreu por volta do ano noventa e oito e nove, que nunca reduziram a escritura pública;

Que deste modo, desde aquela data, os justificantes passaram a possuir o citado prédio, numa situação de posse com os restantes titulares do registo, José António Rodrigues, casado com Maria Cândida Pereira e Manuel de Jesus Rodrigues casado com Antónia do Céu Reis, no gozo e pleno das utilidades por ele proporcionadas, cultivando-o e colhendo os seus frutos, considerando-se e sendo considerados como únicos donos, na convicção que não lesavam quaisquer direitos de outrem, tendo a sua atuação e posse, sido de boa fé, sem violência e sem oposição, ostensivamente e com conhecimento da generalidade das pessoas que vivem na freguesia onde se situa o prédio e tudo isto por lapso de tempo superior a vinte anos.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde há mais de vinte anos, conduziu a aquisição daquele prédio, na indicada proporção, por usucapião que expressamente invocam, justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo dado que esta forma de aquisição não pode ser provada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Está conforme o original.
Macedo de Cavaleiros, um de Abril de dois mil e treze.
A Notária, Ana Maria Gomes dos Santos Reis.

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e
Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães
CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 18/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e trinta, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

Joaquim Jesus da Costa, NIF 156 135 710, e mulher Ana Maria Covêdo, NIF 156 135 701, casados sob o regime da comunhão geral, naturais, ele da freguesia de Travões do Douro, concelho de São João da Pesqueira e ela da freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem em Campelos, Rua da Boavista, nº 3, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de terra de cereal com videiras, com a área de oitocentos e cinquenta metros quadrados, sito no Campo, freguesia de Linhares, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte com José Maria Seixas, a nascente com caminho, a sul com Antero Nascimento Guerra e do poente com o José Augusto Pereira, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2104, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 129,54, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, já no estado de casados, em dia e mês que não podem precisar no ano de mil novecentos e noventa e dois, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura

pública a Salvador de Jesus Ferreira, que viúvo e residente na dita freguesia de Linhares, Campelos, já falecido.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

18.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e
Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 18/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e vinte e oito, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

Joaquim Araújo, NIF 160 261 473, solteiro, maior, natural da freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde reside na Rua do Rossio, nº 1,

declarou:
Que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de um prédio rústico composto de terra de centeio, pastagem e oliveiras, com a área de mil e novecentos metros quadrados, sito na Maria Gonçalves, freguesia de Pinhal do Norte, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte, nascente e poente com Germano Catarino e a sul com herdeiros de Joaquim António do Vale, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1121, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 43,77, igual ao que lhe atribui.

Que, adquiriu o referido prédio em dia e mês que não pode precisar no ano de mil novecentos e noventa e um, por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública a Francisco Gonçalves e mulher Isabel Mesquita, que foram casados

e residentes no Brasil, já falecidos.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

18.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e
Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães
CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 24/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e trinta e seis, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

Júlio Augusto Cruz, NIF 155 094 050, e mulher Generosa de Magalhães Lopes, NIF 155 094 068, casados sob o regime da comunhão geral, naturais ela da freguesia de Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ele da freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem em Paradelas, Rua dos Olivais, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de olival, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, sito nas Lameiras, freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar a norte com João Matias Lopes Monteiro e a sul, poente e nascente com Artur Lopes Monteiro, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número seiscientos e trinta e quatro, encontrando-se lá registado a favor de Esmeralda Tília Martins Sequeira e à data residente na Rua dos Bragas, 7º, 2º, Porto, conforme inscrição de aquisição sob apresentação cinco de catorze de março de mil novecentos e noventa e cinco, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 138, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 313,01, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do citado prédio estar ali inscrito a favor da referida Esmeralda Tília Martins Sequeira, o mesmo é pertença dos justificantes na totalidade.

Que, adquiriram, já no estado de casados, o referido prédio objeto desta escritura por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, em dia e mês que não sabem precisar do ano de mil novecentos e noventa e um, à referida titular inscrita, já falecida.

Que, deste modo não ficaram a dispor de título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial a aquisição da propriedade do identificado prédio, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

24.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 196 de 30 de Abril de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e
Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 24/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e trinta e nove, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

Eduardo António das Dóres, NIF 116 821 019, e mulher Maria Celeste Cruz, NIF 153 006 811, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais ela da freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, e ele da freguesia e concelho de Mértola, onde residem em Brites Gomes, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de olival, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, sito nas Lameiras, freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar a norte com caminho público, a sul e a nascente com João Matias Lopes Monteiro e a poente com Elisa Araújo, descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães sob o número seiscientos e trinta e três, encontrando-se lá registado a favor de Esmeralda Tília Martins Sequeira e à data residente na Rua dos Bragas, 7º, 2º, Porto, conforme inscrição de aquisição sob apresentação cinco de catorze de março de mil novecentos e noventa e cinco, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 126, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 926,20, igual ao que lhe atribuem.

Que, apesar do citado prédio estar ali inscrito a favor da referida Esmeralda Tília Martins Sequeira, o mesmo é pertença dos justificantes na totalidade.

de.

Que, adquiriram, já no estado de casados, o referido prédio objeto desta escritura por compra meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, em dia e mês que não sabem precisar do ano de mil novecentos e noventa e um, à referida titular inscrita, já falecida.

Que, deste modo não ficaram a dispor de título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial a aquisição da propriedade do identificado prédio, porém, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

24.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Ajuste de contas!



Fernando Gouveia

Numa semana de múltiplas emoções no reino da política, a luta pelo poder ao centro exacerbou os discursos e trouxe algum dramatismo para as aberturas dos jornais. O folclore não é novo e, para um cidadão atento, é apenas a espuma das grandes questões.

Vamos então às grandes questões: tem um povo e um país o direito de viver no quadro de um contrato entre ele e os seus governantes, plasmado numa constituição que define os limites do que se consente ao governo e os direitos mínimos que o governo deve reconhecer aos cidadãos e respeitar? O Tribunal Constitucional, ao decidir pela inconstitucionalidade de algumas normas do Orçamento do Estado para 2013, pôs em causa o interesse do país?

Num Estado moderno, as relações entre cidadãos e poder têm de manter alguma estabilidade. É por isso que as constituições, leis fundamentais, são normalmente aprovadas por amplo consenso do espectro político, de forma a que nelas se revejam a maior parte dos cidadãos, e que a sua modificação exige também um vasto consenso, consubstanciado em maiorias parlamentares alargadas. As constituições não são, assim, leis de circunstância ou de oportunidade, mas verdadeiros actos fundadores da paz social e da convivência pacífica dos interesses.

Os governos mudam ao sabor das circunstâncias e dos interesses que os suportam, ascendem ao poder e caem de acordo com o estado da opinião que, em dado momento, os cidadãos expressam. Nos mecanismos de conquista do poder têm enorme influência os métodos de comunicação e de marketing político. Tal como na publicidade, o exagero e a venda de ilusões fazem hoje parte do discurso eleitoral que se vende ao eleitorado. Neste estranho jogo de sedução, parecem embarcar não apenas os candidatos ao po-

der, o que seria natural, mas o próprio eleitorado, que acredita ou finge acreditar sistematicamente em quem melhor vende a ilusão de progresso e bem-estar, para se desiludir alguns meses depois com a dura realidade da prática política que, obviamente, nada tem a ver com as promessas feitas. E este é, ao que nos dizem com uma frase perfeitamente oca mas repetida até à exaustão, o pior dos regimes se exceptuarmos todos os outros, ou seja, o regime do mal menor! É caso para perguntar: então qual seria o mal maior? A ditadura, a democracia directa, a monarquia absoluta ou a anarquia?

O problema das democracias representativas é que se esgotam em muito pouco exercício livre por parte dos cidadãos. Depositado o voto, o feliz eleito só é julgado no período eleitoral seguinte, pelo que, durante o mandato, tem uma larga margem de manobra para os seus próprios jogos de poder, por razões de interesse de classe, de ideologia, de conluio ou de ambição de poder. Temos assim que um acto eleitoral em si mesmo democrático pode legitimar ditaduras e governos abusivos. Há muitos exemplos disso na história da democracia. Ora, um dos mecanismos para contrariar esses casos é o dos contra-poderes, pelo que num regime de democracia representativa convivem vários órgãos de soberania que se controlam mutuamente. Nos regimes ocidentais, a tendência para as maiorias parlamentares se apresentarem frequentemente como caixas de ressonância dos governos retira aos parlamentos muita da capacidade de contra-poder. E esse facto torna ainda mais importante a acção de outros órgãos, designadamente do poder judicial e, em especial, dos tribunais que têm como competência a defesa das leis fundamentais.

Entre nós, o Tribunal Constitucional é o garante da constitucionalidade das leis e

tem sido chamado com frequência a decidir da validade de muitas leis, algumas de impacto mais mediático e de efeitos mais directos sobre os actos do governo, outras que dizem respeito directamente aos cidadãos e aos seus direitos fundamentais. O Tribunal não decide por critérios de oportunidade, mas por imperativos de legalidade constitucional. O Tribunal não governa, mas tem o estrito dever de garantir que os que governam o fazem de acordo com o pacto de governo inscrito na Constituição.

As críticas dirigidas ao Tribunal Constitucional após a recente decisão sobre o orçamento, por responsáveis da governação e outros, imputando-lhe as dificuldades que alegadamente resultam do julgamento para os interesses nacionais, são actos de rebeldia antidemocrática, porque ignoram que o principal dever de quem governa é o respeito do quadro constitucional, fonte última da própria legitimidade da governação.

Depois desta evidente prova de independência do poder judicial, parecem irrelevantes as disputas inflamadas de alguns responsáveis e antigos responsáveis de primeiro plano: Relvas seguiu o caminho inexorável da saída pela porta traseira, depois dum exercício atabalhado no governo e do descaramento com que pretendeu justificar uma trapalhada a todos os títulos imoral.

Sócrates, sentindo o adversário que o bateu há dois anos em grande fragilidade, e aproveitando a desconfiança que se manifesta em relação ao Presidente da República, veio fazer o que sabe na televisão pública: comunicação e propaganda, num ajuste de contas entre políticos do mesmo calibre. Onde está, em qualquer deles, a estatura de homem de Estado?

Este é, decididamente, o tempo das hienas!

Mouras encantadas

por José Mesquita

As lendas da nossa terra têm várias referências a mouras encantadas. Esta é uma região que esteve sobre a influência árabe, foi reconquistada pelos cristãos, mas aqui ficaram as memórias, na forma de “encantamentos” a guardar ricos tesouros. Em geral, as mouras encantadas viveram e, ainda vivem, em rochedos, fontes, rios, poços, castelos, ruínas antigas, montes, cabeços, locais antigos, e sempre assinalam vestígios de civilizações extintas. No nosso concelho, o castelo de Ansiães, as antas, as casas senhoriais, os cruzeiros, as alminhas... dão oportunidade a lendas e histórias que atestam a importância desses locais. O Abade de Baçal apontava para a necessidade de inventariar tais lendas porque “constituem ponto seguro, onde os investigadores arqueológicos devem dirigir de preferência as suas pesquisas.” (tomo IX, 487. Muitas das suas

investigações tiveram origem na tradição oral das nossas gentes.

As mouras encantadas estão frequentemente associadas a poderes miraculosos e artes mágicas. No Castelo de Ansiães diz a lenda que há um buraco que vai sair a grande distância por baixo de terra, no percurso encontrava-se um tesouro encantado que nunca ninguém ousou recolher. No Pombal, a moura encantada, disfarçada de serpente continua à espera de mancebo para beijar e com ele casar. No Gorgolão, termo de Zedes, a

moura que toma a forma de serpente serve-se do pavor da moradora para fiar o ouro e só a intervenção divina, com um “Valha-me Deus” salva esta alma dos poderes encantató-



rias. Em Parambos, na Fonte Velha, de mil em mil anos, uma moura encantada aparece para encantar quem por ali passa; o sortudo puxa para os braços um fio de ouro saído de um buraco; até hoje ninguém conseguiu segurar todo o fio, sem dominar a ânsia de o partir, pois é nesse gesto que se quebra o encanto e tudo se reduz a pó. Em Campelos, no vale do Abade, uma outra moura encantada estendia figos, e apenas um caminhante teve a sorte de os meter ao bolso, que dele saíram libras de ouro; quem procurou a seguir,

nada encontrou. No poço do Mogo, vive acorrentada uma outra moura encantada, que ora é serpente, ou uma linda mulher. Em Marzagão, nos lugares das fontes de Verão,

aos muçulmanos? Foi longa e desapiedada a batalha da reconquista, os árabes pela força das armas viram-se obrigados a largar estas terras. Impregnados do espírito devoto do dever da luta com o infiel, misturado com o de rapina e de obtenção de riqueza fácil, pouco se encontrou. E a razão foi uma construção simples e redentora da sua miséria: deixaram mouras encantadas em guarda aos seus tesouros, inacessíveis ao comum dos mortais. Só a magia e o puro acaso podiam propiciar a descoberta.

Ninguém até agora encontrou o ouro abandonado, mas muitos continuaram a porfiar na procura, revolvendo a terra e encontrando as riquezas que ela grata lhes devolve: cereal, vinho, fruta... À maior parte mostrou-se parca e cruel para as suas vidas e desistiu de a cultivar, entrando sem medo, como nas lendas, em novos locais assombrados, o “estranheiro” que lhes deram as riquezas anunciadas, dinheiro suficiente para uma vida com dignidade.

uma linda menina mourama aparece a trabalhar no tear e a cantar. Nas Areias, na noite de S. João aparecem mouras a estender cueirinhos de ouro. Há ainda mouras encantadas

por muitos locais do concelho e onde a imaginação o quiser.

De onde virão estas lendas e histórias l i g a d a s



Especialidades da Casa:
Carnes:
Veado, Javali, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre
Peixes:
Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO
ESPLANADAS DE LAZER
E PAISAGENS ESPECTACULARES

Restaurante
CALÇA CURTA

Telef. 278 685 255
5145-133 TUA

Poeiras do meu sótão...

por: Carlos Fiúza

Confesso um dos meus fracos, uma das minhas predileções - gosto muito de conversar com os antigos.

E gosto de conversar com os antigos pela razão simples de que encontro sempre no que eles dizem algo que me faz refletir. Além disso, os antigos têm o condão de falar com uma singeleza tão cativante que o proveito das suas lições traz consigo o prazer da meiguice no modo humilde ou discreto e, por vezes, encantadoramente ingênuo da exposição dos assuntos.

Quando posso, refugio-me, pois, na leitura dos velhos autores, dando-me assim ao prazer espiritual de escutar a voz ensinadora do passado.

Hoje deu-me para aprender... gramática! Não a gramática rabugenta em que vós estais a pensar. Não!

A gramática com quem estive conversando foi uma velhinha de 476 anos de idade (um "fac-simile" que me caiu nas mãos, desencantado na Biblioteca Municipal), mas uma velhinha simpática, muito simples, com um gracioso modo natural de falar, dir-se-ia elegante na sua rudeza primitiva.

Justamente, a primeira Gramática de Portugal, feita há quase cinco séculos, em 1536, por Fernão de Oliveira!

Julgarão alguns modernistas que as velharias não interessam. Redondo engano. As velharias ensinam-nos muita coisa.

Esta velinha do século XVI convida-nos a muita observação que ainda terá, pelo menos, este mérito: ensinar aos estudiosos da língua que certos factos que a moderna ciência linguística apregoa já na antiguidade se haviam observado, anotado e comentado.

Apraz-me conceder já a palavra à mais velhinha das gramáticas portuguesas, verdadeira alma do outro mundo, a qual virá, com voz sumida de mais de quatro séculos, dizer algo da sua ciência.

Para abrir o apetite dos estudiosos descrentes e até dos investigadores bisonhos, aqui lhes ofereço o modo formidavelmente vivo como a veneranda gramática

de quinhentos ensinava, por exemplo, a pronúncia do X em português:

"... pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a língua ancha dentro da boca e o espírito ferve na humidade da língua".

Diga-se o que se disser, este modo de, no século XVI, se explicar o X tem um não sei quê de "experimental", que há de envergonhar certos gramáticos teóricos dos nossos dias.

Na verdade, muitos gramáticos de agora dizem que o X é uma consoante "constritiva", coisa que nem toda a gente percebe ser referente à constricção ou aperto na passagem do ar. Pois a gramática de 1536 não esteve com meias medidas: Quer-se proferir o X? - Apertem-se as queixadas no meio da boca.

Mas porquê "língua ancha"? Ora essa! Para que o espírito ferva na humidade da língua...

Hoje diz-se que o X é consoante fricativa palatal. Cientificamente, é mais exato; mas a "fervura do espírito na humidade da língua" tem maior poder "descritivo". É muito mais "imitativo".

Não vá daqui supor-se que a velha gramática só tem conselhos provocadores do sorriso ou até do riso dos modernos.

Nada disso!

Pelo contrário, seus pareceres e ensinamentos são bem atiladamente objetivos. Ora, escutai isto, por exemplo, na vetusta obra de antanho:

"As dições usadas são estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quais são próprias do nosso tempo e da nossa terra; e quem não usa delas é desentoado, fora do tom e música dos nossos homens de agora... De todas elas (dições usadas) ou são gerais... como pão, vinho, céu e terra, ou são particulares... porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras, e os homens da Estremadura são diferentes dos dantre Douro e Minho; e os mecânicos, outros; e os mercadores, outras. Sabamos que a primeira e principal virtude da língua é ser clara e que a possam todos entender e, para ser bem entendida, há de ser a mais acostuada entre os melhores dela; e os melhores da língua são os que mais leram e viveram, continuando antre primores sisudos e assentados, e não amígos de muita mudança".

Finda a transcrição, indago:

Que nos ensinou a velhinha neste seu discreto?

1.º - Ensinou-nos que a linguagem corrente e natural é a que todos falam e entendem;

2.º - Disse-nos que há palavras pertencentes ao falar geral (v.g. pão, vinho, céu e terra) e palavras particulares, pertencentes a ofícios e a tratos sociais.

3.º - Cada terra tem seu uso de falar. Isto nos ensinou a obra velhinha, com esta observação perspicaz: "assim como os tempos assim também as terras criam diversas condições e conceitos". Já o nosso povo diz: "Cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso".

4.º - "A clareza é a primeira e principal virtude da língua". E onde está essa virtude? Na permanência da linguagem dos "primores sisudos e assentados".

E isto é uma verdade.

Se alguém não concordar, far-lhe-ei advertir em que, para a intercomunicação espiritual, os homens dispõem de dois grandes meios - a linguagem falada e a linguagem escrita. (Não interessam agora os outros recursos comunicativos, como o gesto, etc.) Ora, cada uma delas - a falada e a escrita - mesmo na relativa unidade idiomática varia pela qualidade (e também pela quantidade) nas bocas das pessoas cultas, e nas das incultas, nas penas dos letrados e nas dos hemianalfabetos.

Quero dizer, tanto no falar como no escrever, qualquer idioma diferencia-se em linguagem popular e linguagem culta.

Pois bem.

Quer a linguagem popular (aquela que é corrente, espontânea no expressar livre das gentes que falam sem qualquer polimento literário ou gramatical), quer a linguagem culta (a que é orientada estética e gramaticalmente), ambas serão vistosas pela clareza, se não caírem na leviandade de exageradas mudanças.

Portanto, os sobreexpostos conselhos da velhíssima gramática podem muito bem repetir-se nos nossos tempos.

No fim de tais falas dessa alma do outro mundo, que é a primeira Gramática de Portugal, nascida em 1536, eu fico a pensar que, há séculos, na nossa Terra, já havia um gramático, pelo menos, que sentia, por intuição, a realidade psicológica nas palavras.

SÃO LOURENÇO

de outros tempos...



Mário Almeida

Uns carregados de bagagem
Outros de óculos e sacola
E um dia sem contar
Veio uma velha espanhola

Senhora muito distinta
Uma mulher de eleição
Que ficou sempre hospedada
Na senhora Conceição

Foi sempre bem recebida
Das Caldas tanto gostava
Passava no mês de Julho
Mas em Setembro voltava

Chegavam de Mirandela
Do Porto e de Tralhariz
Vinha gente de Lisboa
E de quase todo o país

O S. Lourenço entupia
Pois vinham de todo o lado
Até vinham as cachopas
Para arranjar namorado

Estavam todos atentos
À Capela e à Estação
Para ver se alguém chegava
P'ra lhe deitar já a mão

P'ra comer ou p'ra pensar
Era quem mais apanhava
P'ra banhos quentes ou frios
Todo o negócio interessava

Quando o comboio apitava
Corria para a estação
Para apanhar um carrego
P'ra ganhar algum tostão

Nos transportes da estação
Eu ganhava umas croitas
Que me davam certo jeito
P'ra comprar umas roupinhas

Um negócio de tostões
Que muita gente explorava
Tudo ia p'ra Estação
Quando o comboio apitava

A tia Virgínia Matos
Muita estrada palmilhava
Era de segunda a sábado
Nem ao domingo parava

Funcionária dos Correios
Mulher muito especial
Levava o Pombal ao mundo
Trazia o mundo ao Pombal

Era muito competente
E muito desenrascada
Mesmo sem saber ler
Nunca entregou carta errada

Ao entregar o correio
Ficava já na estação
À espera de outro comboio
P'ra ganhar mais um tostão

Mulher muito atenciosa
E sempre pronta a ajudar
Já que não está connosco
Deus a tenha em bom lugar

Há outro homem famoso
Que as nossas Caldas honrou
Em quarenta e cinco anos
Muita gente ali levou

Levava gente ao comboio
Quando ia viajar
Levou lá muitos doentes
Que iam p'ra se curar



ROTA DAS MAIAS

passaio pedestre

Pombal de Ansiões



12 de maio de 2013

9:00H Pequeno almoço (Salão J.F. Castanheiro)

9:30H Início do passeio

13:00H Almoço no salão da ARCPA

*Percurso pela Linha do Tua,
desde Castanheiro do Norte até S. Lourenço (cerca de 9Km)*

Preço: sócios - 5€; não sócios - 6€

geral.arcpa@gmail.com :: 914 903 365 :: 962 438 732 :: 964 552 379

